



CBPF - CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS
Rio de Janeiro

Ciência e Sociedade

CBPF-CS-001/10

Junho 2010

A CORROSÃO DO CARÁTER... E DA ESCOLA

Francisco Caruso

A CORROSÃO DO CARÁTER... E DA ESCOLA

*Francisco Caruso**

Acabo de reler o belo livro *A corrosão do caráter*, de Richard Sennett (Rio de Janeiro: Ed. Record, 10ª edição, 2005). Desde a primeira leitura, fiquei com a impressão de que este instigante texto poderia suscitar outras questões, embora, de início, não tenha ficado bem claro como ou quais. Na releitura, tornaram-se mais evidentes para mim os riscos e reflexos dos argumentos do autor para a formação escolar dos jovens, pois acredito que não se podem desvincular as consequências impostas, no trabalho, pelo novo capitalismo sobre as pessoas, daquilo que elas próprias passam a exigir da sociedade da qual fazem parte. E este processo, naturalmente, não deixa de fora as expectativas com relação à Escola. Portanto, não resisti a fazer a seguinte extrapolação: não há como desvincular essa tendência de corrosão do caráter, de grande impacto social, ético e moral, de uma particular concepção de Escola. Se isto é verdade – o que seria muito triste –, estamos presenciando um processo de amplificação desta corrosão do caráter a partir da escola, que acabará retroalimentando o próprio processo de degradação do caráter, criando um círculo vicioso nefasto. Neste ensaio pretendo apenas esboçar quais podem ser estas interrelações.

Mas – perguntaria logo o leitor – onde está esta corrosão do caráter? Para Sennett, como aparece resumido na orelha do livro, “o desenvolvimento do caráter depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua. Características que estão desaparecendo no novo capitalismo. Em alguns aspectos, as mudanças que marcam este novo sistema são positivas e levaram a uma economia dinâmica, mas também corroeram a ideia de objetivo, a integridade e a confiança nos outros, aspectos que gerações anteriores consideravam essenciais para a formação do caráter”.

Sua premissa inicial é que o modo de sobrevivência na economia moderna pode colocar a vida emocional das pessoas à deriva. Estamos todos expostos a uma forte tendência de se “reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo com o passado”. Justifica-se, assim, a dificuldade de os indivíduos construírem suas próprias histórias, a partir de suas experiências profissionais e de seus laços de dependência com outros indivíduos. Uma consequência direta deste fato é que as pessoas tendem a viver apenas o presente. Sonhar passa a ser mais difícil, quando as incertezas de se manter o que se conquistou profissionalmente se tornam significativas. A enorme flexibilização do trabalho, por um lado, busca uma adaptação rápida à sempre crescente volatilidade da demanda do consumidor e, por outro, implica a aceitação de que “não há longo prazo”. Acredito, assim como o autor, que tal expressão contém o princípio da corrosão de valores como a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. Deste modo, o espectro da volatilidade se alarga, extrapola as fronteiras da Economia, e se infiltra nas relações sociais. Além disso, Sennett muito bem observa que, na área familiar, esta expressão significa “mudar, não se comprometer e não se sacrificar”.

* *Físico, escritor e bibliófilo, pesquisador titular do CBPF e professor associado da Uerj. Membro do Pen Club do Brasil e da União Brasileira de Escritores.*

Vejo, há muito, reflexos evidentes disto na Universidade na qual dou aula e no contato frequente com vários adolescentes do ensino médio. A ideia de que o aprendizado deva necessariamente envolver esforço parece, hoje em dia, uma ficção, ou mesmo uma fantasia. Os alunos não estão dispostos a fazer sacrifícios, a fazer exercícios e a lerem muito sobre o que estão aprendendo. Mas, obviamente, não se pode por a culpa só neles. A escola, desde cedo, tem sido incapaz de formar esta conscientização no jovem, tampouco é capaz de despertar o hábito da leitura, essencial para a boa formação de qualquer cidadão. Também a Escola se tornou superficial. Aliás, “superficial” é uma palavra que designa bem os dias de hoje, quando se vê que os jovens não namoram mais, apenas “ficam”, denotando que, mesmo no campo afetivo ou do amor, se aceita como premissa que “não há longo prazo”. Superficial é ainda o mundo do *videoclip*, o mundo globalizado onde alguns propalam vantagens globalizantes da Internet. Entretanto, não podemos esquecer que esta poderosa ferramenta é também um convite à superficialidade. Tony Rothman, por exemplo, afirma, no livro *Tudo é Relativo* (São Paulo: Difel, 2005), que “a Internet tem a largura de uma galáxia e a profundidade de um dedo”. Os alunos não têm mais qualquer tipo de interesse em se aprofundar em qualquer que seja o assunto. Fazer um trabalho ou uma “pesquisa” passou a ser sinônimo de um simples e direto “*copy and paste*”.

Voltando à escola, independente do nível de escolaridade, há que se admitir que os padrões de qualidade e de dificuldade têm diminuído significativamente no último século. E Sennett, analisando a flexibilização do trabalho, vê um terrível paradoxo, no fato de que “quando diminuimos a dificuldade e a resistência, criamos as condições mesmas para a atividade acrítica e indiferente por parte dos usuários”. Creio que o mesmo se aplique para a escola. Alunos acríticos serão consumidores ideais. Outra característica do mercado que o autor destaca é que cada vez mais ele se constrói a partir da lógica de “o vencedor leva tudo”. Portanto, é inevitável que “a competitividade predisponha ao fracasso um número cada vez maior de pessoas educadas”. O que é grave nisto é que inevitavelmente, com o tempo, levará cada vez mais as pessoas a se perguntarem: Escola para que?

O último comentário que gostaria de fazer diz respeito à necessidade de se lançar um novo olhar tanto para o capitalismo quanto para a Escola, que está bem sintetizado nestas palavras: “O esforço para controlar de fora o funcionamento do novo capitalismo precisa ter um raciocínio diferente: deve perguntar o valor da empresa para a comunidade, como ela serve mais a interesses cívicos que apenas ao livro-caixa de lucros e perdas”.

Sennett conclui o livro reiterando a seguinte convicção, que comporta uma dose de esperança: “Mas sei que um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo”. Afirmativa análoga pode ser feita com relação à instituição Escola. Com uma dose ainda maior de esperança, me atrevo a sonhar que uma nova Escola possa contribuir para a revisão externa do capitalismo, formando indivíduos conscientes da força de seu caráter.